

## 1.º APONTAMENTO

*Sumário:*  
Anúncio. A mais Sábia  
das Linhas. Poema.

Estou simplesmente a copiar — palavra por palavra — o que hoje foi publicado no *Jornal do Estado*:

«Dentro de 120 dias, a construção da INTEGRAL estará concluída. A grande hora histórica em que a primeira INTEGRAL voará para o espaço planetário aproxima-se. Há mil anos, os vossos antepassados heróicos dominaram todo o globo terrestre, estabelecendo nele o poder do Estado Único. Agora têm pela frente uma façanha ainda mais gloriosa: integrar a infinita equação do Universo por meio desta INTEGRAL de vidro, eléctrica e ignívoma. Têm pela frente a missão de sujeitar ao jugo benfazejo da razão as criaturas ignotas que habitam outros planetas — talvez ainda no estado selvagem de liberdade. Se elas não compreenderem que lhes oferecemos uma liberdade, matematicamente correcta, será nosso dever obrigá-las a serem felizes. Antes das armas, experimentaremos contudo a palavra.

Em nome do Benfeitor, anuncia-se a todos os Números do Estado Único:

Quem se achar com capacidade de o fazer, tem a obrigação de redigir tratados, poemas, manifestos, odes ou outras composições sobre a beleza e a grandeza do Estado Único.

Será essa a primeira carga a transportar pela INTEGRAL.

Viva o Estado Único, vivam os Números, viva o Benfeitor!»

Estou a escrevê-lo e sinto as minhas faces a arder. Sim: integrar a grandiosa equação do Universo. Sim: desencurvar a curva selvagem, endireitá-la pela tangente — assíntota —, pela recta. Porque a linha do Estado Único é uma recta. Uma recta grande, divina, precisa e sábia — a mais sábia das linhas...

Eu, D-503, construtor da «Integral», sou apenas um dos matemáticos do Estado Único. A minha pena habituada aos algarismos é incapaz de criar a música de assonâncias e rimas. Vou tentar apenas apontar o que vejo, o que penso — ou antes, o que nós pensamos (exactamente: nós, e que este «NÓS» seja o título dos meus apontamentos). Mas será uma derivada da nossa vida, da vida matematicamente perfeita do Estado Único e, como tal, pergunto: não será natural, apesar de mim, que se torne um poema? Sim, um poema — disso tenho a fé e a certeza.

Estou a escrevê-lo e sinto as minhas faces a arder. É provavelmente uma sensação comparável à da mulher que, pela primeira vez, ouvi dentro de si a pulsação de um novo ser humano ainda minúsculo e cego. Sou eu e, simultaneamente, não sou eu. E durante longos meses será preciso alimentá-lo com a minha seiva e o meu sangue para, depois, o arrancar de mim com dor e pô-lo aos pés do Estado Único.

Mas estou pronto, tal como cada um — ou quase como cada um de nós. Estou pronto.

## 2.º APONTAMENTO

### *Sumário:* Bailado. Harmonia Quadrada. X.

Primavera. Do outro lado do Muro Verde, de umas planícies desconhecidas, o vento traz o melífico pólen amarelo de umas flores quaisquer. Com este pó doce os lábios secam — passo a língua por eles a cada momento —, e provavelmente todas as mulheres transeuntes (os homens também, é claro) têm lábios doces. Este facto perturba um pouco o raciocínio lógico.

Em contrapartida, que céu! Um puro céu azul, não conspurcado por uma única nuvem (como eram bárbaros os gostos dos antigos se os seus poetas se inspiravam naqueles amontoados de vapor absurdos, desorganizados, estupidamente atabalhoados). Mas gosto — e tenho a certeza de não me enganar se disser: nós gostamos — apenas deste nosso céu estéril e impecável. Em dias como este, todo o mundo parece moldado em vidro inabalável e eterno, o mesmo que o do Muro Verde e o de todas as nossas construções. Em dias como este, vê-se a mais azul profundeza das coisas, as equações dantes ignotas, espantosas — vê-se tudo isto nos fenómenos mais habituais e quotidianos.

Por exemplo... Hoje de manhã fui ao estaleiro onde estão a construir a «Integral» — e de repente vi as máquinas: de olhos fechados num enlevo, as esferas dos reguladores giravam; as manivelas, brilhando, dobravam-se para a direita e para a esquerda; o balanceiro baloiçava orgulhosamente os braços; o cinzel da máquina de entalhar descia ao ritmo da música inaudível. Vi de repente toda a beleza desse grandioso bailado mecânico banhado num ligeiro sol azul.

E depois — de mim para mim: porque é tão belo? Porque é tão bonita a dança? Resposta: porque é um movimento *privado de liberdade*, porque todo o sentido profundo da dança reside precisamente na obediência absoluta, estética, na ausência ideal de liberdade. E se for verdade que os nossos antepassados se entregavam à dança nos momentos mais inspirados da sua vida (mistérios religiosos, paradas militares), isso significa somente uma coisa: o instinto de não-liberdade é organicamente inerente ao homem desde os tempos mais remotos, e nós, na nossa vida actual, apenas conscientemente...

Acabo depois: o numerador deu um estalido. Levanto os olhos: O-90, é claro. Daqui a 30 segundos estará aqui: vem buscar-me para irmos passear.

Querida O! — parece-me, desde sempre, que ela se assemelha ao seu nome: cerca de dez centímetros mais baixa do que a Norma Materna — por isso tem um ar torneado, bem redondo; e o O rosado — a boca — abre-se ao encontro de cada palavra minha. E mais: uma prega redonda, rechonchuda no pulso — a mesma que as crianças têm às vezes.

Quando entrou, o volante lógico ainda trabalhava em mim energicamente, e comecei, por inércia, a falar da fórmula que acabara de estabelecer e que incluía todos nós, as máquinas e a dança.

— É maravilhoso. Não é? — perguntei.

— Sim, maravilhoso. A Primavera. — O-90 dirigiu-me um sorriso rosado.

Bem, vejam só: a Primavera... Fala da Primavera. Estas mulheres... Calei-me.

Em baixo. A avenida está cheia: quando o tempo é assim, costumamos aproveitar a hora pessoal depois do almoço para um passeio complementar. Como sempre, a Fábrica de Música tocou, com todos os seus cornetins, a Marcha do Estado Único. Em filas de quatro, marcando fascinadamente o ritmo, os Números marchavam — centenas, milhares de Números, trajados de unifas\* azuladas, com placas douradas no peito — com os números estatais de cada um e de cada uma. E eu — ou antes, nós os quatro — éramos uma das incontáveis ondas nesta corrente poderosa. À minha esquerda, a O-90 (se isto fosse escrito por um dos meus antepassados peludos de há mil anos,

\* Pelos vistos, provém da antiga palavra «uniforme».

tê-la-ia provavelmente denominado com a ridícula palavra «minha» O-90); à minha direita, dois Números desconhecidos, um feminino e outro masculino.

O delicioso céu azul, os minúsculos sóis infantis em cada placa peitoral, as caras não ensombradas pela loucura dos pensamentos... Os raios — como dizer? — de uma matéria única, luminosa, sorridente. E o ritmo metálico ressoava: «Tra-ta-ta-tam. Tra-ta-ta-tam» — esses degraus de cobre brilhando ao sol, e a cada degrau subíamos mais alto, para o azul vertiginoso...

Então, tal como de manhã no estaleiro, voltei a ver, como se fosse pela primeira vez na vida — e vi tudo: as ruas incontestavelmente rectas, o vidro da calçada com os seus jorros de raios luminosos, os divinos paralelepípedos das habitações transparentes, a harmonia quadrada das fileiras cinzento-azuladas. E era assim: como se não fosse uma série de gerações, mas apenas eu próprio, precisamente, a vencer o velho Deus e a velha vida, eu próprio, e mais ninguém, a criar tudo isso e a ver-me agora como uma torre, com medo de mexer até um cotovelo — não chovessem estilhaços das paredes, das cúpulas, das máquinas...

E a seguir, num instante — um salto através dos séculos, do + (mais) para o - (menos). Recordei (numa associação por contraste, certamente) — recordei um quadro do museu: uma avenida deles, do terceiro milénio, uma confusão multicolor e aturdidora de pessoas, de rodas, de animais, de anúncios, de árvores, de cores, de aves... Reparem: dizem que isso existiu realmente, que podia existir. Pareceu-me tão inverosímil, tão absurdo que não aguentei e, de repente, desatei a rir.

Logo a seguir, como em eco, ouvi — à direita — um riso. Virei-me: perante os meus olhos luziam os dentes afilados, invulgarmente brancos, de um desconhecido rosto feminino.

— Desculpe — disse ela —, mas o senhor estava a observar tudo com tamanha inspiração que mais parecia o deus mítico no sétimo dia da criação. Creio que o senhor também me julga uma criação sua e de mais ninguém. Lisonjeia-me muito.

Tudo isto sem qualquer sorriso, diria até: com um certo respeito (talvez estivesse a par de que eu era um construtor da «Integral»). Contudo — não sei se nos olhos, ou então nas sobrancelhas —, havia um certo X estranho e irritante, e não sabia captá-lo, dar-lhe uma expressão numérica.